

Tributo a Eduardo Prado Coelho

EDUARDO PRADO COELHO (1944-2007)
UM HOMEM COM QUALIDADES

Jorge Fernandes da Silveira*

Para Eduardo Prado Coelho, «não é fácil ler *Eduardo Lourenço*», pois o seu nome «aparece como garantia de uma fala profunda e englobante capaz de sustentar as evidências instituídas ou as mais obstinadas crispações ideológicas. A cada passo o encontramos nas páginas de uma revista, nas atas de um colóquio, nas imagens de uma mesa-redonda, nos ecos de um congresso, ou numa rampa de lançamento que os prefácios constituem»¹.

As palavras de Eduardo Prado Coelho sobre um contemporâneo de outra geração, de comparável grandeza moral e intelectual, é a maneira que a Cátedra Jorge de Sena encontra para dizer da tristeza causada pela sua morte prematura. Com uma certeza, todavia: a dor não há de ser maior que a certeza de que a Obra permanece.

Também não é fácil falar do leitor Eduardo Prado Coelho. A dificuldade que um Eduardo encontra na leitura do outro nada mais é, porém, que um elogio apaixonado. E pode nos ajudar. Na «multiplicidade de intervenções», que a atualidade exige, ao mais moço surpreende «*um olhar sempre diferente e inquietante*» naquele em cujo trabalho há «um irrecusável *efeito de fascínio*»².

Fascinante foi a entrada de um jovem universitário português nas salas de aulas da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano terrível (hoje mítico) de 1968, pelas páginas revolucionárias do seu *Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos*, da Editora Portugália. Um espanto: a «Estruturália». Um rapaz de 24 anos selecionava, traduzia e apresentava para outros da sua idade os pensadores (Foucault, Barthes, Eco, Lacan, Badiou, outros) que iriam formar uma geração de estudiosos ou curiosos em pleno regime ditatorial.

Nos anos seguintes, já docente universitário, foram inúmeras as suas vindas ao Brasil, como professor, conferencista, representante de órgãos culturais. E a cada nova visita mais se estreitavam os laços de amizade entre nós. Só que com ele a tal fraternidade luso-brasileira não vivia do mesmo regime, era vista com outros olhos.

Eduardo Prado Coelho há de sempre ser lembrado como o homem que parecia estar em todo lugar. Em muitos, é verdade, ele aparecia. Mas o que aqui se diz é da sua infinita generosidade, da vontade de estar presente, de dizer sim.

* Professor titular de Literatura Portuguesa da UFRJ, pesquisador do CNPq e membro da Cátedra Jorge de Sena.

Essa história, com um capítulo especial sobre o notável leitor de poesia portuguesa moderno-contemporânea, fica para depois. Por ora, passamos a palavra a Eduardo Lourenço, que, através do que escreveu no dia seguinte à morte do Amigo, como que lhe retribui os termos generosos com que fora apresentado anos atrás.

E é isso, pois, o que se segue. À maneira de epígrafe, um elogio póstumo do autor de *O Labirinto da Saudade* ao de *A Mecânica dos Fluidos*, certamente a melhor maneira possível de aqui homenageá-lo.

Em seguida, do homem com qualidades, que fala entre aspas e/ou em itálico (como registram citações acima), reproduzimos uma das suas «crónicas», no jornal de Lisboa, *Público*³, em que deu a ver, literalmente a ler, a sua face mais comum, quer dizer, feita de todos os dias, pela natureza da sua condição humana de ser um sujeito de escrita, consciente de que uma crónica no jornal «[n]ão é crítica literária [...]». É uma dosagem de matérias mais ou menos controladas⁴. Controle que não exclui rigor, quando, no mesmo veículo, trata-se de matéria de carácter tão polémico quanto ordinário: o futuro das Letras, em que a figura do crítico revolucionário de 1968 parece estar de volta à cena universitária brasileira (em texto, passados 9 anos, actualíssimo), chamando-lhe a atenção, em tempo de reformas.

Eduardo

Eduardo Lourenço

Surpresa absoluta não foi, mas o choque foi o mesmo. Desde esta manhã a pequena ou grande capela da cultura portuguesa perdeu o seu oficiante mais brilhante e activo. Terá passado para a «outra margem» com a caneta na mão. Ou, talvez, com o mais moderno e mágico dos objectos comunicantes que tanto o fascinavam. Com ele desaparece – como custa escrevê-lo – o actor mais disponível, mediático e plural da cena portuguesa da sua geração e do nosso tempo. Tudo lhe interessou, do cinema à poesia, da crítica literária, que teve nele o seu cronista-mor, à ficção, mar de sonhos sem fim que desde jovem se tornaram para ele uma precoce segunda *life*. E naturalmente a política, de que foi, cedo, comentador empenhado e que nunca de todo abandonou. De referências musicais estão cheias as suas crónicas e nada de provocador nelas o deixava indiferente. Como se precisasse das múltiplas pulsões do tempo que eles exprimiam para acompanhar as múltiplas eternidades do seu presente tão excessivo de dons e de urgência vital. Embora não fosse filósofo de formação, tinha a paixão das ideias, as mais subtis e paradoxais, as mais *up-to-date* também, que de Foucault a Derrida enquadraram a sua *rêverie* pessoal e deram à sua escrita luminosa um eco de rara qualidade. Não creio que o mais lido dos nossos intelectuais «inorgânicos», o mais influente, sobretudo depois que se tornou o comentador do nosso quotidiano, como se merecêssemos que ele fosse o nosso tácito de serviço, tenha merecido até hoje aquela leitura de extrema finura que ele dedicou aos textos dos outros, mesmo aos que talvez o não merecessem. Do pecado de generosidade ninguém se deve arrepender. Aquietado, enfim, a sua obra espera que

os seus émulos mais jovens a revisitem e nela se inspirem como ele soube fazer para as gerações anteriores à sua. O rasto de luz que os seus textos deixaram – e são – não se perderá tão cedo na celebrada desatenção pátria. Podem esperar.

(*Público*, 26-8-2007)

Modos de ler

Eduardo Prado Coelho

1. Há cerca de 15 anos, quando começaram a surgir os primeiros sinais de uma ofensiva pedagógica no ensino superior, escrevi alguns textos que tinham por objectivo alertar contra as nefastas consequências de uma eventual pedagogização generalizada. Na altura, a posição tomada podia parecer algo quixotesca e retrógrada. Baseava-se em meia dúzia de intuições: em primeiro lugar, a convicção de que, para além de algumas técnicas que se aprendem numa semana, o ensino da literatura, por exemplo, é sobretudo questão de arte, sensibilidade e cultura; e que, por outro lado, a extensa teorização pedagógica tem mais a ver com as ciências ocultas do que com a racionalidade contemporânea. Em segundo lugar, preocupavam-me as relações crescentes entre a administração escolar e os doutrinadores pedagógicos, com consequências, em termos de poder e gestão, que na altura ainda era difícil avaliar. Por fim, verificando que os alunos, cercados de pedagogia por todos os lados, acabavam por saber ensinar a ensinar, mas não sabiam bem o que é que estavam a ensinar, lamentei que uma tão invasora orientação acabasse por ter desastrosas consequências a nível da formação e da circulação do saber. Não supunha eu que tinha acertado em cheio no diagnóstico de uma situação que só hoje adquire contornos verdadeiramente explícitos.

2. Se lermos o interessantíssimo volume intitulado *Ensino da Literatura – Reflexões e Propostas a Contracorrente*, agora publicado pelas Edições Cosmos, numa iniciativa do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (e coordenado por Maria Isabel Rocheta e Margarida Braga Neves), percebemos que o problema é de uma candente actualidade. Mas verificamos que ele aparece agora num contexto mais amplo e mais inquietante: o de uma certa deslegitimação dos estudos literários, que um teórico como Hans-Ulrich Gumbrecht designa como «perda de coerência da noção de “literatura” e notável declínio da sua aura cultural» (veja-se «O Futuro dos Estudos de Literatura?» in Hans-Ulrich Gumbrecht, *Corpo e Forma*, ed. da UERJ, Rio de Janeiro, 1998). A perda de legitimação está obviamente ligada a um conceito de ensino baseado na noção de performatividade generalizada (tudo tem de ser imediatamente eficiente), e nessas circunstâncias a melhor maneira de o ensino da literatura recuperar performatividade é encostá-lo às *performances* supostamente mais visíveis do campo pedagógico. Daí que o texto de abertura deste

volume, o de Margarida Vieira Mendes (e toda a obra é concebida em homenagem à Margarida, personalidade admirável e inesquecível, que exemplificou o que há mais sério, rigoroso, inteligente e inovador na universidade portuguesa), seja um texto claramente dirigido contra dois adversários identificados sem hesitações: «Contra a hegemonia do pensamento pedagógico dominante e contra a deterioração da faculdade que melhor caracteriza a humanidade – o uso da fala.» Por isso mesmo faz sentido dizer-se que a frase de Jacinto do Prado Coelho, que Margarida Vieira Mendes utiliza como epígrafe, é de certo modo o lema que domina a concepção de todo este volume: «Não há, suponho, uma disciplina mais formativa que a do “ensino” da literatura.» Todos nós entendemos a frase, todos nós poderíamos, num dado momento das nossas vidas, tê-la escrito. Mas provavelmente o clima de crise que hoje se vive (e que é, não tenhamos medo das palavras, uma crise de todo o projecto que sustenta o modelo tradicional das Faculdades de Letras) passa por esta frase. Tentarei dizê-lo doutro modo: não me parece hoje evidente que as Letras façam sentido sem ser no campo mais desenvolvido das artes em geral e também não creio que uma Faculdade de Letras possa hoje contornar a importância das chamadas ciências humanas e sociais. Doutro modo, alguns dos problemas que mais interessam hoje os estudantes não têm espaço na grelha de ofertas que o modelo tradicional proporciona. E isso leva os alunos a afastarem-se (sobretudo os bons alunos) e leva, em contrapartida, os professores a acharem que todos os alunos são maus e desinteressantes – o que está muito, muito longe mesmo, de ser verdade.

3. Que mudou na realidade? Pelo menos, duas coisas. Por um lado, a leitura deixou de ser, como dizem os sociólogos, numa expressão que remete para Mauss, «um facto social total». Isto significa que a leitura deixou de estar no centro do processo formativo e passou a ser uma componente na produção de experiência e de conhecimento e ainda um aspecto entre outros no elenco das formas de distração. Ler um livro é hoje tão importante como ouvir música, ver dança ou teatro, olhar para a televisão ou praticar desporto. Pessoalmente, verifico que os meus alunos vão hoje muito mais a uma exposição ou a um espectáculo de dança do que acontecia há 20 anos. Por outro lado, não deixa de ser interessante sublinhar que a poesia reaparece agora sobretudo em espectáculos e recitais (o que é positivo, mas surpreendente). Em segundo lugar, o papel socializador que as famílias exerciam sobretudo através da transmissão de valores operada pela orientação das leituras dos adolescentes (cada um de nós ia lendo as bibliotecas dos pais e avós) tem vindo a desaparecer, uma vez que hábitos e mercados promoveram uma cultura especificamente dirigida para os adolescentes. A família delegou o papel socializador na escola, mas a escola, marcada pela ideologia pedagógica, procurou sobretudo tornar-se um espaço familiar. Deste cruzamento resultou a perda de algumas funções tradicionais. Para o bem e para o mal (e estou certo de que em alguns aspectos foi indiscutivelmente para o mal), teremos

provavelmente entrado na «era pós-literária», que um autor como Michael Benedikt define deste modo: «Creio que o longo percurso histórico de uma realidade universal, pré-literária, do fazer físico, em direcção a uma realidade do fazer simbólico, que se baseia numa educação estratificada, literária, se está a fechar sobre si próprio e a chegar ao seu termo. Com o cinema, a televisão, as tecnologias multimédia e agora a realidade virtual, retornamos às origens com a promessa de uma era pós-literária, se assim se pode dizer; a promessa, por conseguinte, de uma “comunicação pós-simbólica”, para o dizer com as palavras do pioneiro da realidade virtual, Lanier. Nesta nova era já não serão precisas descrições vinculadas pelos limites da linguagem nem jogos semânticos para comunicar pontos de vista pessoais, acontecimentos históricos ou informações técnicas. Prevalecem sobretudo demonstrações directas – muitas vezes “virtuais” – e experiências interactivas com o material “original”. Voltaremos de novo “como crianças”, mas desta vez com o poder de poder chamar por mundos à nossa vontade e imprimir rapidamente nos outros os aspectos particulares da nossa experiência» (Michael Benedikt, ed. *Cyberspace – First Steps*, Massachusetts University of Technology, 1991). Neste volume, o texto mais elaborado e impressionante é o de Maria Alzira Seixo. Nele se assinalam algumas dimensões políticas do problema: «O ensino da literatura, com a sua análise da comunicação estética e da retórica que a fundamenta, é um poderoso exercício de desmontagem dos discursos alienantes e da manipulação verbal.» Ou ainda: «Uma democracia que oferece as alternativas de actuação ao mesmo tempo que sonegadamente vai sonegando as possibilidades de formação, ou as vai substituindo por simulacros supletivos, não é uma democracia.» Mas o texto de Maria Alzira Seixo, disparando em todas as direcções e apontando para uma espécie de conjura objectiva e implícita, talvez acabe por rasurar o que são as inevitáveis transformações do nosso tempo. Mark Poster, que intitulou um dos seus livros *The Mode of Information*, mostrando que informação e conhecimento são hoje forças produtivas, chamou a outra das suas obras *The Second Media Age* (Polity Press, 1995). São os novos «média», claro, mas poderemos ler também que é uma Segunda Idade Média? A alternativa está entre a visão apocalíptica e o espírito construtivo. Sem esquecermos alguns dados que nos chegam da primeira, tentemos avançar deliberadamente para o segundo.

(Público, sábado, 27 de Março de 1999.)

¹ Eduardo Prado Coelho. «Eduardo Lourenço: Um Rio luminoso». In: *A Mecânica dos Fluidos: Literatura, Cinema, Teoria*. Lisboa: IN-CM, 1984, p. 279.

² As aspas correspondem a expressões no mesmo texto indicado na nota 1, p. 280.

- ³ Provavelmente, publicada na seção «Opinião», do suplemento *Mil Folhas*, do *Público*, em que o Autor assinava os seus textos mais longos e reflexivos. A data de publicação, um sábado, mais confirma esta hipótese, já que, de segunda a sexta, saíam as crônicas mais curtas na seção «O Fio do Horizonte». Infelizmente, não sabemos ao certo, se, em 1999, o *Mil Folhas*, hoje extinto, já estava em circulação. E a série de «Crônicas» facultadas à leitura *online*, logo após a morte do Autor, não responde à dúvida.
- ⁴ Eduardo Prado Coelho. «Eu, verdadeiramente». «O Fio do Horizonte». In: *Público*, 5-12-2006.